



Jaime Lauriano:

*Eu estou aqui
com toda minha gente,
na Nara Roesler
Rio de Janeiro*

Jaime Lauriano é um dos artistas mais reconhecidos de sua geração, cuja obra discute a história do Brasil sob a perspectiva da população negra, apresenta obras inéditas e intimistas, que transitam das percepções subjetivas às marcadamente sociais e políticas, já conhecidas em seu trabalho

Autorretrato #1, 2025
Foto: Flávio Freire

Eu estou aqui com toda minha gente apresenta trabalhos inéditos e recentes do artista Jaime Lauriano (1985, São Paulo). O texto crítico é de Ademar Britto. No final de novembro, mês da Consciência Negra, será lançado, com a presença do artista, o livro *“Jaime Lauriano – Mapeamentos”* (Nara Roesler Books, 2025), publicação bilíngue (português/inglês), no formato de 17,5 x 24,5 cm, com capa dura e textos de Tadeu Chiarelli, Keyna Eleison e Sylvia Monasterios.

Na parede frontal do espaço maior do térreo da galeria, destacam-se quatro objetos da série *“Pencas”*, com esculturas de latão banhadas em cobre, penduradas em couro com argolas de latão, feitas este ano. As esculturas têm a forma de jatobás, búzios, um ogó de Exu, sinos, agogôs, quartinhas, alguidar, canecas, pemba, cachimbo e cabaça, elementos da ritualística do candomblé e da umbanda. O artista alude, neste trabalho, às joias de crioulas dos séculos XVIII e XIX, consideradas um patrimônio da Bahia e da cultura afro-brasileira – e que marcam a resistência negra contra o regime escravocrata, uma das manifestações artísticas afrodescendentes mais antigas no país.

MAPAS: DEMOCRACIA RACIAL, ÊXODO, GENOCÍDIO E INVASÃO

Os mapas, interesse recorrente na trajetória de Jaime Lauriano, estão presentes com a obra *“A new and accurate map of the world: democracia racial, êxodo, genocídio e invasão”* (2025), composta por dois desenhos realizados em pemba branca – giz branco usado em terreiros de candomblé – e lápis dermatográfico sobre algodão preto; cada mapa mede 150 x 170 cm.



Penca #2 e Penca #3, 2025
Fotos:
Flavio Freire

A série de trabalhos *“Democracia racial, êxodo, genocídio e invasão”* recria, a partir das ilustrações de mapas e de cartas náuticas, uma das cenas mais emblemáticas da história recente da humanidade: as navegações e o “descobrimento do novo mundo”.

A escultura de parede *“Autorretrato”* (2025), constituída por uma grade de ferro e materiais diversos, foi pensada como um espaço para se meditar sobre a diáspora africana – e busca costurar o passado e o presente, a história social e a subjetividade. Com 85 x 35 cm, a obra tem a exata medida da coluna vertebral de Jaime Lauriano, do pescoço ao cóccix. Objetos pendurados na escultura evocam a estética das memórias da infância do artista nos bairros periféricos paulistanos.



A new and accurat map of the world: democracia racial, êxodo, genocídio e invasão, 2025

Foto: Flavio Freire

A pintura “Entradas em Minas Gerais” (2025) parte da pesquisa que Jaime Lauriano desenvolve desde 2022, dedicada à revisão crítica de pinturas históricas que moldaram a memória oficial do país. Ao revisitar imagens acadêmicas produzidas entre o final do século XIX e o início do século XX, o artista percebeu que a colonização foi *“consistentemente apresentada de forma idealizada, transformada em um gesto heroico e civilizador”*, ao passo que *“as presenças, resistências e experiências de violência afro-indígenas foram sistematicamente silenciadas”*.

“Meu interesse reside em questionar essa operação, dismantlar sua lógica celebratória e transformar a pintura histórica em um contramonumento: não mais um local de consagração, mas um campo de disputa,

atrito e reflexão” – diz. Lauriano “esvazia” a pintura de seus personagens, deixando apenas a paisagem. E, sobre essa superfície despovoada, aplica uma profusão de adesivos que evocam tanto a violência colonial quanto a resistência afro-indígena. Aliás, sobre a própria moldura, o artista ainda instala figuras em miniatura que encenam uma batalha entre soldados coloniais e entidades da religiosidade afro-brasileira, como Zé Pelintra.

HOMENAGEM A HEITOR DOS PRAZERES

A única obra da exposição já mostrada ao público – *“Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião”* (série “Re-canto”) – foi criada para a exposição *“Aqui é o fim do mundo”*, em 2023, panorâmica dos 15 anos da trajetória de Jaime Lauriano, apresentada nas comemo-

rações dos 10 anos do Museu de Arte do Rio (MAR). Feita com tinta acrílica, adesivos, miniaturas em chumbo e estampas sobre mdf, é “a paisagem da janela” de Heitor dos Prazeres (1898-1966), grande pintor carioca e um dos pioneiros na composição de sambas.

OBRAS INTIMISTAS

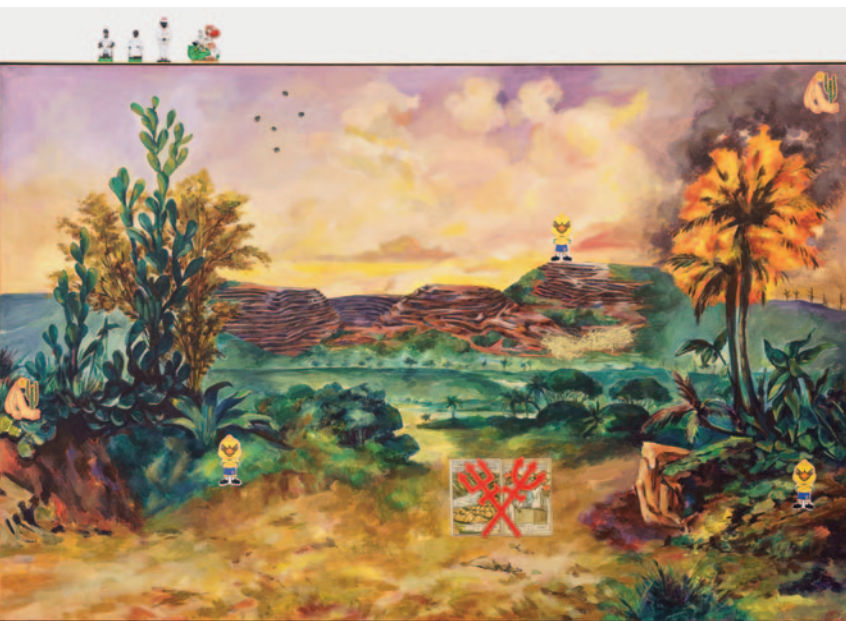
Ao fundo do térreo da galeria Nara Roesler Rio de Janeiro, sob a claraboia, Jaime Lauriano mostra obras intimistas, como as sete da série “o sobrado de mamãe é debaixo d’água”, criadas no período recente em que buscou ficar mais recolhido, reflexivo, devido às limitações impostas por uma hérnia na coluna cervical. A partir de uma fotografia que fez do final da praia de Copacabana, em 2023, o artista criou uma série de paisagens que representam diferentes estágios da luz, do momento que antecede a aurora à meia-noite. O céu é feito de fita autoadesiva reflexiva, nas cores cinza, dourada, prateada e preta; e, o mar, de tinta acrílica.

“O mar do Rio de Janeiro surge não apenas como cenário, mas como ponto de partida conceitual. A escolha de me debruçar sobre suas águas está ligada à estreia desta série na minha exposição individual na cidade – mas, sobretudo, à minha fascinação pela complexa história que as águas transatlânticas carregam. Elas são testemunhas de um passado de violência e sofrimento colonial, mas também são as rotas que trouxeram as ricas heranças africanas que, ao longo do tempo, moldaram profundamente a cultura e a identidade do Brasil” – conta.

Na parede em frente às paisagens, estão duas pinturas que homenageiam Abdias do Nascimento (1914-2011): “Sem título” (“senhor da noite e do dia”) e “Sem título”, ambas de 2025, feitas com tinta acrílica e fitas autoadesivas sobre algodão.

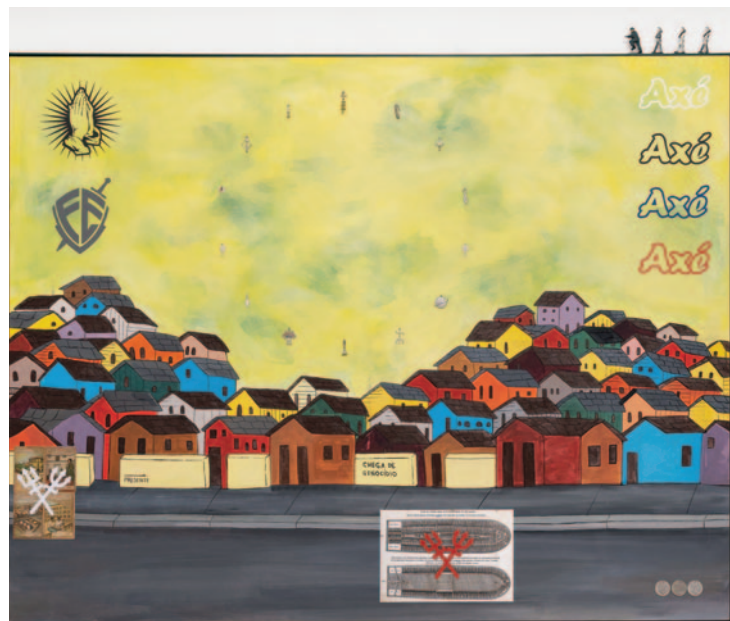
Entradas em Minas Gerais, 2025

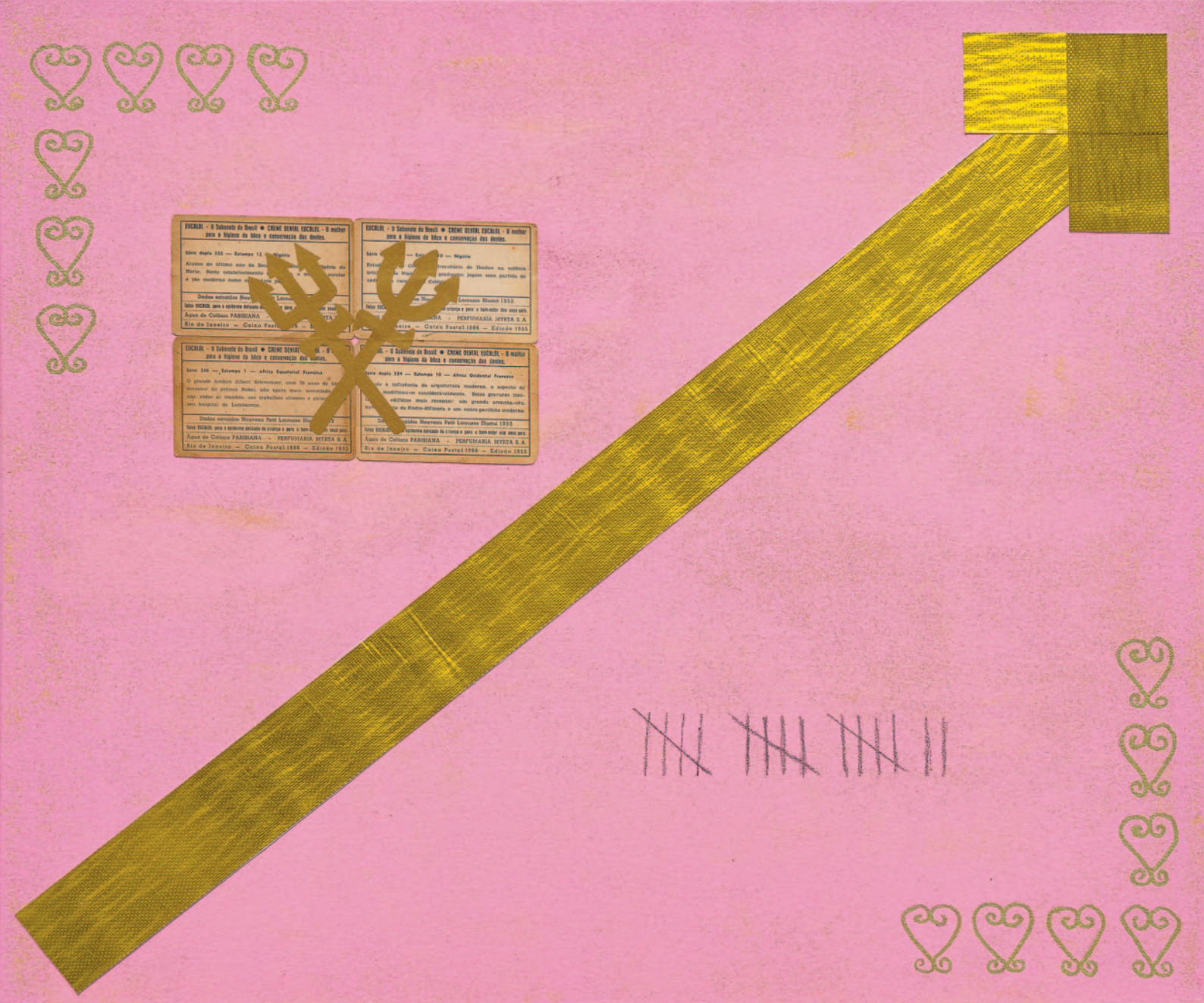
Foto: Flavio Freire



Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião, série Recanto, 2023

Foto: Flavio Freire





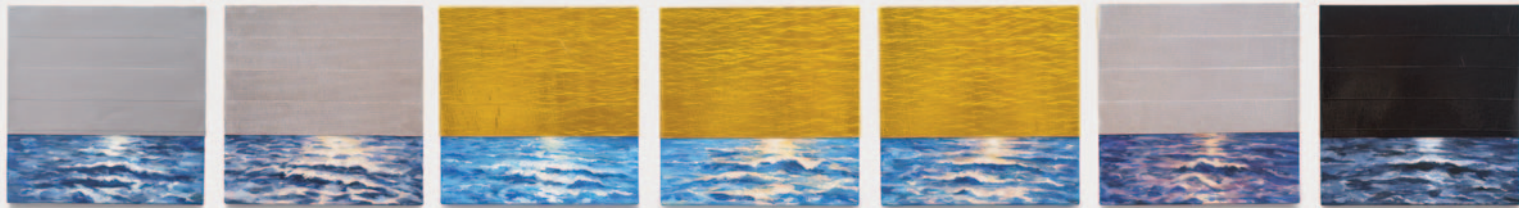
Sem título, 2025

Foto: Flavio Freire

SOBRE JAIME LAURIANO

Por meio de vídeos, instalações, objetos e textos, Jaime Lauriano (1985, São Paulo) revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira – e os tensiona a partir de proposições críticas capazes de revelar de que maneira as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contem-

porânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses; e concentra-se, com especial perversidade, em indivíduos racializados – e no papel fundamental das religiões de matriz africana para que aquelas pessoas se relacionassem com seu território ancestral.



Sem título #1, série O sobrado de mamãe é debaixo d'água, 2025

Foto: Flavio Freire

Jaime Lauriano vive e trabalha em São Paulo. Em sua trajetória, realizou dezenas de exposições individuais, tanto no Brasil como nos EUA e em Portugal, entre as quais *Why don't you Know About Western Remains?* na Nara Roesler (2024), em Nova York, Estados Unidos; *Aqui é o Fim do Mundo*, no Museu de Arte do Rio (MAR, 2023), no Rio de Janeiro, Brasil; *Paraíso da miragem*, em colaboração com Silêncio Coletivo, na Kubik Gallery (2022), na cidade do Porto, Portugal; *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ/2015), no Rio de Janeiro, Brasil; e *Impedimento*, no Centro Cultural São Paulo (CCSP/2014), em São Paulo, Brasil. Lauriano apresentou trabalhos na El Dorado: Myths of Gold, no Americas Society, Nova York, EUA (2023); no 37º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022); e na 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018).

Jaime Lauriano é o autor das obras inscritas nas pedras portuguesas da entrada do Museu de Arte do Rio (MAR), criada em 2023, com os nomes das doze regiões da África que forneceram, por meio de ações violentas, a mão-de-obra escravizada trazida ao Brasil; e a frase “A história do negro é uma felicidade guerreira” (2018), um verso da música “Zumbi, a felicidade guerreira” (1984), de Gilberto Gil e Wally Salomão, composta para o filme “Quilombo”, de Cacá Diegues.

O título da exposição na Nara Roesler Rio de Janeiro, “Eu estou aqui com toda minha gente”, é retirado da música “A Força da Jurema”, de Mateus Aleluia, Dadi-

nho e Heraldo, gravada em 1973 pelo grupo Os Tincoãs, que remete à ideia de cura, aos orixás e faz uma homenagem a Oxum.

SERVIÇO

Jaime Lauriano – Eu estou aqui com toda minha gente

Até janeiro de 2026

Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052

info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

<https://nararoesler.art/>



Sem título
(Senhor
da noite
e do dia),
2025

Foto:
Flavio Freire